

**DEAECTO, Marisa Midori. *O Império das Letras:*
Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista.
São Paulo: EDUSP, 2011**

Uma paragem para as letras: São Paulo e os livros

Regiane Mançano

Mestre em Teoria e História Literária pela UNICAMP, e
graduada em Letras pela mesma instituição. Bolsista da
FAPESP

Pense-se na freqüência com que a leitura alterou o curso da história – a leitura de Paulo por Lutero, a leitura de Hegel por Marx; a leitura de Marx por Mao. Esses pontos sobressaem num processo mais amplo e mais vasto: o esforço infundável do homem em encontrar sentido no mundo em torno e dentro dele mesmo. Se conseguíssemos compreender como ele lia, poderíamos vir a compreender melhor como ele entendia a vida, e, por essa via – a via histórica -, quem sabe chegaríamos a satisfazer uma parte de nosso próprio anseio por um sentido.ⁱ

Das lições aprendidas com as aulas da professora Marisa Lajolo, a mais marcante foi a de que, uma vez lançado ao mundo, o texto não pertence mais ao seu autor, pois se torna propriedade do leitor. A despeito das possíveis intenções que o escritor tinha em mente ao dar suas idéias à luz, por meio da escrita, o leitor mobilizará uma série de conhecimentos e vivências, que lhe são peculiares, para interpretar aquilo que o texto expõe, portanto, é pouco provável que não se encontre subjetividade naquilo que alguém diz sobre a obra de outrem.

É com este espírito que esta resenha foi escrita, sendo assim, não se nega a subjetividade que poderá ser encontrada nestas linhas, mas sublinha-se a tentativa de executar uma síntese convidativa à leitura da obra *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de leitura na São Paulo Oitocentista* de Marisa Midori Deaecto (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011. 448 p.), ganhadora do Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, oferecido pela Fundação Biblioteca Nacional em 2011.

A autora, docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (USP) e professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Fac. de Fil. Letras e Ciências Humanas (USP), tem dedicado-se a pesquisas sobre Economia e Cultura Urbana, que culminaram num riquíssimo estudo sobre as práticas e os circuitos de leitura na cidade de São Paulo do século XIX.

É variada a produção bibliográfica sobre a cultura letrada no Brasil do Oitocentos, que leva em conta as especificidades de nossa primeira capital, afinal, a instalação da Corte no Rio de Janeiro, dentre outros fatores, impulsionou o desenvolvimento de aparatos facilitadores da circulação das letras, como a imprensaⁱⁱ. Contudo, esta movimentação não esteve restrita às fronteiras fluminenses, como demonstra Deaecto.

Valendo-se de mapas, gráficos, tabelas e ilustrações, a autora guia o leitor pelos lugares onde o livro foi privilegiado também na capital da província paulista, passando pela instituição de bibliotecas públicas, como a fundada no Convento de São Francisco, a primeira da cidade; pelos acervos pessoais, como o da casa de dona Genebra de Barros

Leite; e apresentando estabelecimentos de tipógrafos e livreiros, como Anatole Louis Garraux.

A incursão, entretanto, não é desinteressada, pois coloca o leitor diante de questões fundamentais para compreender a relação entre a São Paulo do século XIX e os livros, tais como, a evolução da produção de impressos, a formação de um público leitor e de circuitos de circulação e consumo das obras e seu possível atrelamento às questões econômicas e culturais, tendo em vista a finalidade da História do Livro e da Leitura de “entender como as idéias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade”ⁱⁱⁱ.

Vale supor, porém, que as relações entre a palavra impressa e o comportamento e pensamento da humanidade ocorrem em uma via de mão dupla. A palavra tanto influencia, quanto é influenciada pelas mudanças vividas pelos homens. Tal suposição pode ser sustentada pelo processo de abertura da primeira biblioteca pública do planalto paulista, relatada no capítulo *São Paulo, cidade espiritual*, pois foram necessidades intelectuais e políticas da capital que impulsionaram a abertura de um espaço público de leitura, que, por sua vez, trará mudanças à cidade.

Lucas Antônio Monteiro de Barros, que ocupou o cargo de governador provincial entre 1824 e 1827, justificou ao Imperador a necessidade de se criar uma biblioteca pública em São Paulo ressaltando que numa cidade habitada por tantos homens com inclinação para os estudos, era necessário haver uma instituição que facilitasse o acesso aos livros, além de argumentar que estabelecimentos desta ordem concorriam para o progresso das artes e das ciências.

A aprovação da biblioteca pelo Imperador e sua inauguração em 1825 vinham, então, atender às necessidades intelectuais da cidade. Aproveitaram-se, pois, os livros e a sala de leitura do Convento de São Francisco (que, devidamente desapropriados da ordem religiosa, passaram às mãos do poder público) para compor o acervo de obras e sediar a Biblioteca Pública de São Paulo. Aos três mil cento e noventa e seis volumes dos franciscanos, foram acrescentados os livros do espólio de outro religioso, D. Luís Rodrigues Vilares^{iv}.

Todavia, os planos de Monteiro de Barros eram ainda mais amplos. A presença da biblioteca trazia vantagens políticas para São Paulo, pois representava grande passo rumo à organização da cidade para a recepção de uma Universidade, ainda que, em 1827 a cidade tenha recebido somente a Academia de Direito, também instalada junto ao Convento de São Francisco.

A chegada da Biblioteca Pública e, por conseguinte, do Curso Jurídico acabaram por provocar duas modificações na cidade, pois laicizaram e tornaram público um espaço outrora restrito a uma ordem religiosa e atraíram um novo tipo de habitante para a capital da província, os estudantes. Estes foram essenciais para conferir certa agitação à cidade, a eles e a outros leitores é dedicado o capítulo *No Império das Letras*.

Os estudantes inovaram e tornaram determinadas manifestações culturais mais assíduas na cidade, como a produção e a veiculação de literatura nos jornais e, com o passar do tempo, deram forma às primeiras manifestações do ideário Romântico. A Academia, então, figurava como irradiadora de cultura e intelectualidade, o que provocava inclusive certa dissensão entre os estudantes e os demais habitantes, conforme Deaecto relata, tendo como fonte testemunhos de viajantes que passaram por São Paulo naquele período. Uma parecia ser a cidade da Faculdade de Direito e outra a capital da província, dado que as práticas da primeira eram por demais inovadoras para os padrões culturais da segunda.

Todavia, talvez menos expansivos e boêmios que os estudantes, havia outros leitores espalhados pela cidade, conforme atestam os inventários analisados pela autora. Tomemos como exemplo o caso de dona Genebra de Barros Leite, cujo acervo foi dividido seguindo categorias de classificação do próprio século XIX:

(...) os livros aparecem bem distribuídos em basicamente dois eixos: o dos “grandes temas”, reunindo obras de Belas Letras (30%), de Jurisprudência (24%) e de História (16%); e outro bem mais heterogêneo, no qual aparecem conjuntos tradicionais, como os livros religiosos (5%), as gramáticas e dicionário de língua estrangeira (8%), as obras de História Natural e Medicina prática (7%), os livros de Filosofia, Física e Matemática (4%), e os de Geografia (2%). O conjunto de livros não classificados corresponde a 3% do acervo e aparece sob a rubrica *Miscelânea*.^v

O acervo de Belas Letras de tal senhora, vale notar, maioria em meio a outros temas, ratifica certas tendências visualizadas também entre as possibilidades de leitura disponíveis para os habitantes da Corte durante os anos de 1808 e 1870, como atestam anúncios de jornais de expressividade no período (*Gazeta do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*). Eram amplamente propagandeados nos jornais fluminenses e também conformavam a livraria paulistana, títulos como: *Télémaque* (Fénelon); *Nouvelle Heloise* (Rousseau); *Gil Blas* (?); *Belisário* (Marmontel), entre outros^{vi}.

A correspondência entre estas obras podem ajudar a supor que havia certo lugar comum entre as leituras que circulavam entre diferentes paragens brasileiras e permite

entrever algumas hipóteses sobre as práticas de leitura exercidas nestas localidades, por exemplo, o gosto pelo romance, majoritariamente francês, traduzido ou não.

Assim como é possível levantar hipóteses sobre as preferências de leitura de uma senhora paulistana que, no conforto de sua biblioteca particular, poderia recolher-se e desfrutar das leituras de sua predileção ou se se consegue supor que os estudantes da Academia de Direito tinham acesso privilegiado aos livros da Biblioteca Pública, já que ambas as instituições sediavam-se no Convento de São Francisco, nos perguntamos se havia outros circuitos dedicados aos livros espalhados pela cidade de São Paulo e quais eram os meios de sociabilidade que possuíam o livro como prerrogativa, questionamentos que Marisa Midori Deaecto responde no capítulo *A Cidade e os Livros*.

A autora localiza tais espaços na conformação geográfica da cidade, sendo assim os mapas utilizados por Deaecto, longe de serem meros ornamentos do discurso^{vii}, subsidiam reflexões sobre a forma como o espaço geográfico pode interferir na compreensão do sistema literário, observando aspectos específicos deste sistema, quais sejam, os circuitos de circulação e consumo do livro.

Não se esgotarão aqui as análises feitas pela autora em relação a estes espaços, diga-se de passagem, numerosos; apenas adianta-se que o leitor se deparará com repúblicas estudantis, sociedades literárias, companhias de teatro, tipografias e livrarias.

A este último tipo de estabelecimento é dedicado o capítulo *Circulação e Consumo*, no qual, por meio da figura do livreiro Anatole Loius Garraux, Deaecto reflete sobre a comercialização de livros na cidade.

O referido mercador aportou no Brasil em 1850 e, no início de suas atividades em São Paulo, em 1859, era sócio de Guelfe de Lailhacar, contudo, com o passar do tempo, a sociedade se desfez e Garraux passou a ser o único proprietário da livraria e papelaria, distinguindo-se no comércio local como propalador de livros franceses:

À sua maneira, Garraux seguiu os caminhos dos Garnier, particularmente o de Baptiste Louís: instalou-se no Rio de Janeiro, como empregado de uma livraria, a propósito da própria Livraria Garnier, e veio para a capital paulista como agente de livros franceses; e aqui logrou realizar um grande feito, tornar-se o maior livreiro da cidade a despeito de outros poucos, mas tradicionais, concorrentes, que se beneficiavam do comércio regular com alunos e lentes da Academia de Direito.^{viii}

O mercador francês, ademais, deixou sua marca também no ramo editorial. Entre as primeiras publicações da casa estava a obra de Fagundes Varela *Contos e Phantasias* de 1865, o que é mais um indício de que Garraux inspirava-se nos trabalhos de Garnier, já que, assim como este, investiu em obras de belas-letas de autores locais^{ix}.

Partindo da análise de catálogos da livraria em questão, Deacto deixa entrever outras características de tal casa comercial, como a heterogeneidade de obras ofertadas, que provavelmente procurava abarcar diversas linhas de pensamento e gostos do período, garantindo que a livraria pudesse atender amplamente às exigências dos compradores de livros paulistanos, como os acadêmicos e os lentes do Largo São Francisco.

Os fregueses de São Paulo certamente contribuíram com a fortuna acumulada por Anatole Louis Garraux, cujos bens declarados após sua morte situam o comerciante “na estreita faixa dos 4% de franceses que deixaram legados de mais de 50 000 F em seu tempo”^x

Por fim, podemos dizer que ao buscar sentido para a conformação do mundo que nos cerca na história da leitura, admitimos que as relações entre os livros e a humanidade ocorrem num ciclo de determinação mútua. Por isto, é possível supor que a movimentação dos paulistanos entre livrarias, acervos públicos e privados, amplamente descrita e analisada por Marisa Midori Deacto, foi o germen da efervescente cultura letrada da São Paulo contemporânea, embora a cidade do século XIX fosse pacata e os leitores rarefeitos^{xi}.

Bibliografia:

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

DEAECTO, Marisa Midori. **O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista**. São Paulo: EdUSP, 2011.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

MANÇANO, Regiane. **Livros à Venda: presença de romances em anúncios de jornais**. Dissertação. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2010

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu (1800-1900)**. São Paulo: Boitempo, 2003.

ROBERT, Darnton. **O que é a história dos livros? In: “O beijo de Lamourette: mídia cultura e revolução”**. São Paulo: Campanhia das Letras, 2010.

ⁱ ROBERT, Darnton. **O que é a história dos livros?** In: “O beijo de Lamourette: mídia cultura e revolução”. São Paulo: Campanha das Letras, 2010. P.201.

ⁱⁱ Sobre este assunto, pode-se ver: ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ⁱⁱⁱ ROBERT, Darnton. *Op. Cit.* P.122.

^{iv} Ao longo do capítulo I encontra-se a análise destes dois acervos.

^v DEAECTO, Marisa Midori. **O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista**. São Paulo: EdUSP, 2011. P. 152.

^{vi} Optou-se por comentar, mesmo que brevemente, o acervo de Belas Letras dado sua expressividade numérica e também devido a interesses pessoais de pesquisa. Outras informações podem ser encontradas em: MANÇANO, Regiane. **Livros à Venda: presença de romances em anúncios de jornais**. Dissertação. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2010. Marisa Midori Deaecto lança a listagem completa dos livros presentes na referida biblioteca em DEAECTO, Marisa Midori. *Op. Cit.* Pp. 163 – 172.

^{vii} Sobre a utilização de mapas em estudos de Literatura, verificar: MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu (1800-1900)**. São Paulo: Boitempo, 2003.

^{viii} DEACTO, Marisa Midori. *Ibidem*. P. 290.

^{ix} Exemplos das publicações de Garnier podem ser encontrados em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br; consultado em janeiro de 2012.

^x DEACTO, Marisa Midori. *Ibidem*. P. 285

^{xi} Tal conceito é explorado em: LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.